



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SIDNEIA SOUZA COSTA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Propostas metodológicas**

Itaituba-PA

2020

SIDNEIA SOUZA COSTA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Propostas metodológicas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Ap.^a Pereira do
Nascimento

Itaituba-PA

2020

Costa, Sidnéia Souza.

O Ensino De História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental:
Propostas metodológicas

/ Sidneia Souza Costa- Itaituba: FAI, 2020.
61 f.:il.

Orientador (a): Prof. Esp. Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Itaituba, 2020.

1. Ensino. 2. História. 3. Séries. 4. Iniciais. 5. Metodologias. I. Mara
Aparecida Pereira do Nascimento. II. Faculdade de Itaituba.
Itaituba, BR-PA, 2020.

SIDNEIA SOUZA COSTA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Propostas metodológicas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Ap.^a Pereira do
Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Presidente/orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Elines dos Santos Batista, Ma.

Resultado: _____ Nota: _____

Itaituba-PA, 24 de abril de 2020.

Dedico essa monografia a Deus que tem me dado forças, me sustentado até aqui, como também, a minha família, principalmente , ao meu esposo que tem me dado o apoio necessário para que eu chegasse aqui. Dedico-lhe essa conquista com gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a **Deus**, nosso pai criador, pelo dom da vida e por ter ouvido minhas orações, me concedendo a oportunidade de concluir mais este curso.

Ao meu esposo **Huyrismar**, pela dedicação, por estar sempre ao meu lado, por toda a força e ânimo, sempre me encorajando e me fazendo acreditar que posso ir além.

A minha querida mãe, **Maria das Dores**, que com muito carinho me trilhou no caminho certo, a quem devo tudo que sou, bem como, ao meu pai, **Manoel**, que semianalfabetos, mas muito sábio, priorizou a família e a educação, e que, antes de mais nada, me ensinou os maiores valores da vida, amor e integridade.

Ao meu filho, **João Pedro**, por todo encanto e alegrias que trouxe para minha vida, o que me inspirou a seguir em frente e, tão pequenino, sentiu a minha ausência, quando o dever e os estudos me chamavam.

Aos meus tios e tias, em especial, a minha conselheira de todas as horas, **Antônia da Conceição**, quem me acompanhou em toda essa jornada acadêmica, sempre com palavras fortalecedoras.

Agradeço de coração a Faculdade de Itaituba- FAI: todo o corpo docente, em especial a minha orientadora, professora **Mara**, pela orientação na construção deste trabalho, a professora e secretaria geral, **Margaret** e a secretária do curso de Pedagogia, professora **Elines**, pela disponibilidade de participar da minha banca avaliadora.

Agradeço imensamente ao Reitor, senhor **Abel Huyapuam de Sá Almeida** e à professora senhora **Zilda Meira Almeida**, coordenadora do curso de Letras, por me concederem a oportunidade de concluir mais esse curso, com todas as condições que me proporcionaram dias ricos de aprendizagem.

Sou imensamente grata as minhas duas famílias que me protegem e me amam, a todos que de perto ou de longe contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

*“ Não é preciso entrar para História para
fazer um mundo melhor. ”
(MAHATMA GANDHI)*

RESUMO

A referida monografia objetivou trazer atividades lúdicas como recurso metodológico facilitador do processo ensino/aprendizagem de História nas séries iniciais do Fundamental, compreender as constantes transformações que vem ocorrendo no ato de ensinar História e obter conhecimentos gerais quanto às bases nacionais comuns curriculares (BNCC) de História para a referida modalidade de ensino. O estudo em questão tem como base a pesquisa bibliográfica, como procedimento técnico metodológico, tendo como referência autores como Bittencourt (2004), Schmidt (2004), Saviane (2005), Guimarães (2012), Borges (1993), entre outros, trata-se de uma pesquisa de natureza básica, quanto ao objetivo é exploratória e, de abordagem qualitativa para análise dos dados coletados. Buscando responder problemática apresentada, elaboraram-se as seguintes questões norteadoras: Por que há falta de interesse dos alunos pelas aulas de História? Será que hoje ainda se usa a prática de ensino tradicional nas aulas de História? O que pode tornar o ensino de História mais significativo nas séries iniciais, considerando sua relevância para a formação do indivíduo? Verifica-se que a História tem uma relação ativa com o passado, qual impulsiona a compreensão crítica do presente, sendo assim, o estudo de História, ou seja do passado é originário do tempo presente, portanto, nesse sentido, o passado impulsiona a dinâmica do ensino/aprendizagem em diálogo com o tempo atual, devendo produzir os sentidos e significados para os alunos. O que defender, o que preservar, o que mudar e o que destruir são questões que apontam para a História como um saber necessário para a formação das crianças na escola nas séries iniciais para a formação da cidadania ativa. Portanto, o ensino de História nos anos iniciais necessita ser algo prazeroso para o aluno desta faixa etária, para uma condução que o leve a sentir-se parte da História, por meio da análise, da compreensão e da contextualização dos fatos históricos. Nessa ótica, a pesquisadora acredita que metodologias variadas, diferenciadas e lúdicas, conforme as sugeridas neste trabalho de conclusão de curso, aplicadas à prática em sala de aula tem o poder de atrair a atenção e curiosidade dos alunos, tornando assim o processo de ensino/aprendizagem de História mais significativo e realmente efetivo, bem como, prático e satisfatório para o professor pedagogo.

Palavras-chave: Ensino. História. Séries. Iniciais. Metodologias.

ABSTRACT

The aforementioned monograph aimed to bring recreational activities as a methodological resource that facilitates the teaching / learning process of history in the early grades of elementary school, to understand the constant transformations that have been occurring in the act of teaching history and to obtain general knowledge about the common national curricular bases (BNCC) of History for that teaching modality. The study in question is based on bibliographic research, as a methodological technical procedure, having as reference authors such as Bittencourt (2004), Schmidt (2004), Saviane (2005), Guimarães (2012), Borges (1993), among others, deals with it is a research of a basic nature, as for the objective it is exploratory and, of qualitative approach for analysis of the collected data. Seeking to answer the presented problem, the following guiding questions were elaborated: Why is there a lack of interest from students in History classes? Does traditional teaching practice still be used today in history classes? What can make history teaching more meaningful in the initial grades, considering its relevance to the formation of the individual? It appears that history has an active relationship with the past, which drives the critical understanding of the present, therefore, the study of history, that is, the past originates from the present time, therefore, in this sense, the past drives the dynamics teaching / learning in dialogue with the current time, and should produce the meanings and meanings for students. What to defend, what to preserve, what to change and what to destroy are questions that point to History as a necessary knowledge for the education of children in school in the initial grades for the formation of active citizenship. Therefore, the teaching of history in the early years needs to be something pleasurable for students of this age group, in order to lead them to feel part of history, through analysis, understanding and contextualization of historical facts. From this perspective, the researcher believes that varied, differentiated and playful methodologies, as suggested in this course conclusion work, applied to classroom practice have the power to attract students' attention and curiosity, thus making the teaching process / more meaningful and really effective history learning, as well as, practical and satisfactory for the pedagogical teacher.

Keywords: Teaching. Story. Series. Initials. Methodologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Brinquedos e brincadeiras antigas.....	40
Figura 2 - Brinquedo antigo x brinquedo atual.....	42
Figura 3 - Alimentos saudáveis.	43
Figura 4 -Alimentos calóricos..	44
Figura 5 - A história do Brasil em quadrinhos.....	45
Figura 6 - Gravura do grito da Independência.....	48
Figura 7 - Cavalo de garrafa pet e cabo de vassoura.	49
Figura 8 - Bingo História.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos gerais dos PCNs.....	22
Quadro 2 - Unidade temática e objetos do conhecimento para 1º ano.	25
Quadro 3 - Habilidades para o primeiro ano.....	25
Quadro 4 - Unidade temática, objetivo do conhecimento- 2º ano.....	26
Quadro 5 - Habilidades para o segundo ano.....	26
Quadro 6 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o terceiro ano.	27
Quadro 7 - Habilidades para o terceiro ano.....	28
Quadro 8 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o quarto ano.	28
Quadro 9 - Habilidades para o quarto ano.	29
Quadro 10 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o quinto ano.	30
Quadro 11 - Habilidades para o quinto ano.....	30
Quadro 12 - As dimensões- relação entre os brinquedos do passado.....	42
Quadro 13 - Relação entre o alimento do presente e do passado.	44
Quadro 14 - Objetivos da HQs.	46
Quadro 15 - Independência do Brasil.....	54
Quadro 16 - Objetivos do bingo histórico.	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A ORIGEM DA HISTÓRIA.....	13
2.2 A HISTÓRIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR NO BRASIL	15
2.3 AS TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL.....	17
2.4 A DISCIPLINA DE HISTORIA NA LDB 9.394/96 (PCNs E BNCC)	21
2.5 O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS.....	31
3 METODOLOGIA	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
4.1 ENSINAR HISTÓRIA: ASPECTOS DIDÁTICOS-METODOLÓGICOS.....	36
4.2 SUGESTÕES MEDOLÓGICAS PARA HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS.....	40
4.2.1 Para o 1º ano: aprendendo História brincando	40
4.2.2 Para o 2º ano: As transformações na alimentação	43
4.2.3 Para o 3º ANO: HQs no Ensino de História	44
4.2.4 Para o 4º ano : conteúdo temático com variedades metodológicas.....	46
4.2.5 Para o 5º ano: Bingo histórico	55
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

A referida monografia objetivou trazer atividades lúdicas como recurso metodológico facilitador do processo ensino/aprendizagem de História nas séries iniciais do ensino fundamental, compreender as constantes transformações que vem ocorrendo no ato de ensinar História e obter conhecimentos gerais quanto às bases nacionais comuns curriculares (BNCC) de História para a referida modalidade de ensino.

A problematização motivadora da escolha do tema parte da reflexão que é de senso comum que os professores, em sua maioria, alegam falta de interesse dos alunos pelas atividades escolares, afirmando que, por mais que se esforcem, não conseguem despertar nos alunos o gosto pelos estudos, em específico, pelas aulas de História. Esta observação aponta diretamente para as metodologias desenvolvidas, bem como, para as estratégias utilizadas ao expor os conteúdos.

O estudo acerca da temática: “O Ensino de História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: propostas metodológicas”, justifica-se e surge da premissa de que o conhecimento histórico escolar tem grande relevância dentro da dimensão dos anos iniciais, figurando como os primeiros passos para formação cidadã, sendo necessário, portanto, um olhar atento do pedagogo para a constante busca por estratégias didático/metodológica que contemplem os objetivos da disciplina de forma efetiva.

Buscando responder problemática apresentada, elaboraram-se as seguintes questões norteadoras: Por que há falta de interesse dos alunos pelas aulas de História? Por que o professor pedagogo tem dificuldade de despertar na criança o gosto pelo Ensino da História? Será que hoje ainda se usa a prática de ensino tradicional nas aulas de História? O que pode tornar o ensino de História mais significativo nas séries iniciais, considerando sua relevância para a formação do indivíduo?

O estudo em questão tem como base a pesquisa bibliográfica, como procedimento técnico metodológico, fundamentando-se em livros, revistas especializadas e artigos específicos, tendo como referência autores de renome como Bittencourt (2004), Schmidt (2004), Saviane (2005), Guimarães (2012), Borges (1993), entre outros, e, como princípio para análise dos dados coletados a abordagem qualitativa.

O referido trabalho está estruturado da seguinte forma: esta introdução, visando apresentar os objetivos, problematização e justificativa da pesquisa realizada. A fundamentação teórica aborda a História enquanto disciplina escolar, suas transformações e configuração na lei diretrizes e bases e, nas bases comuns curriculares para as Séries Iniciais do ensino fundamental. Na terceira sessão encontra-se, detalhadamente, a metodologia utilizada. Na sequência em resultados de discussões, apresenta-se sugestões de estratégias metodológicas lúdicas para o ensino de História do 1º ao 5º ano. Finalizou-se o Trabalho de conclusão de Curso com os aspectos conclusivos e com a apresentação das referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ORIGEM DA HISTÓRIA

A História surgiu quando o homem viu a necessidade de refletir e narrar as suas próprias histórias além dos deuses, visto que a única forma de explicação que descrevia as ações da humanidade ao longo do tempo eram os mitos, que surgiram na sociedade primitiva com objetivo de retratar a história do homem, em uma sequência temporal. Mas, o mito se refere a um pseudo tempo e não a um tempo real, pois não é datado conforme alguma realidade concreta.

Segundo Borges (1993) a História, como forma de explicação, nasce unida à Filosofia, sendo interligadas, visto que, a Filosofia trata do conhecimento em geral. Portanto, o campo filosófico abrange embrionariamente todas as áreas que com o passar do tempo firmaram sua autonomia.

Foram os gregos que descobriram a importância específica da explicação da História. Heródoto, conhecido como o "Pai da História" foi o primeiro estudioso a questionar os mitos, duvidando das lendas gregas, passando a investigar e escrever sobre o que ele achava ser verdade, sendo, então, o primeiro a utilizar a palavra História no sentido de investigação, que desde o seu surgimento vem passando por constantes transformações até torna-se uma ciência e uma disciplina escolar.

Eis aqui a exposição da investigação realizada por Heródoto para impedir que as ações realizadas pelo homem se apague com o tempo" eles e os primeiros historiadores gregos vão fazer indagação entre seus contemporâneos, aproveitando para escrever a história, também das tradições orais e os escritos (BORGES, 1993, p. 19).

Vários autores questionam a definição de História. Bloch (2001), não considera a História como a ciência que estuda o passado. Segundo ele o "passado não e objeto de estudo da ciência" atribuição que muitos aplicaram ao seu conceito, sendo que na verdade, a História é a ciência que estuda o homem no tempo. Max e Engels (2005) esclarecem que a História é um processo dinâmico e dialético, no qual cada realidade social traz dentro de si os princípios de suas próprias contradições. Já para Max (2005), é na sociedade que se faz História com a finalidade de dar respostas a problemas mais concretos.

O conhecimento da História, junto com outras áreas do conhecimento, possibilita o entendimento da realidade, tendo em vista o delineamento da nossa atuação histórica. A história busca estudar as transformações pelas quais passam as sociedades humanas.

O processo histórico da humanidade é justificado pelo cristianismo. A exemplo disso, observa-se a divisão da História Ocidental, que tem a sua linha cronológica dividida em antes e depois de Cristo (a.C) e (d.C). Borges (2003), nesse sentido, afirma que a História da humanidade é desenrolada de acordo com um plano divino, sendo a vinda de Cristo na terra, o centro desse processo.

Febvre (1989) qualifica a História como um estudo conduzido pela ciência e não como uma ciência, dizendo que também que não há História econômica e social, há simplesmente a História em sua unidade. Para ele a História é um processo de mudança contínua na sociedade humana. O autor ainda acrescenta que:

A História é toda ela social por definição. A História que considero um estudo, cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações do homem de outrora, tornando na sua data, no quadro da sociedade extremamente variado e, contudo, comparáveis uma com as outras, com as quais encheram a superfície da terra e a sucessão das épocas (FEBVRE, 1989, p. 19)

Para Febvre (1989, p. 21), os homens e o único objeto de estudo da História, de uma História que se inscreve no grupo das disciplinas humanas, e, ainda afirma: “o objeto de nosso estudo não é o fragmento do real, um dos aspectos isolados da atividade humana, e sim o próprio homem”.

Bloch em seu livro “Apologia à História” (2001), afirma que o passado não pode ser modificado, mas o conhecimento que se tem do passado vive em constantes transformações e, esse conhecimento pode ser aperfeiçoado. Organizar o passado é função do presente, o que poderíamos chamar de função da História.

Em suma, a História passou por várias transformações. Inicialmente era somente a narrativa dos acontecimentos baseada em um plano divino. Mas, a partir do século XVIII e XIX, surgiram várias correntes historiográficas: o Positivismo, o Materialismo Dialético, a Escola das Análises, a História Nova, contando a “Historia vista de baixo” e a História das Mulheres.

2.2 A HISTÓRIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR NO BRASIL

O processo de transformação da História em disciplina escolar ocorreu primeiramente na França, no contexto das transformações revolucionárias do século XVII, inserindo na luta da burguesia pela educação pública, gratuita, leiga e obrigatória. Esse movimento culminou na chamada revolução positivista que legitimou para a História, seu campo de atuação e seu método. O número crescente de compêndios de história do Brasil editado no século XIX, comprova a incorporação dessa área de conhecimento histórico (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004).

No Brasil, a História, enquanto disciplina escolar, surgiu a partir do século XIX, abrangendo parte do Período Imperial e o início da República, inspirada no modelo francês, pautando-se na formação cultural das elites, privilegiando feitos e heróis nacionais, com conteúdo que abordavam as práticas cotidianas, tais como: ritos cívicos: festas, desfiles e eventos de culto aos símbolos da Pátria.

A reconquista da disciplina de História, como representante de conhecimento específico e autônomo ampliou as tentativas que vinha sendo feita por alguns historiadores, de incluir nas disciplinas acadêmicas, a problemática do ensino de História. A interferência de especialistas diversos em escolas brasileiras permitiu, também, perfil de professor de História, cuja formação era dividida nesse período, entre o curso de graduação de Licenciatura em História, curta ou plena, além do curso de Estudos Sociais, curto ou pleno (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 11).

Apesar da Europa ser a principal referência dos conteúdos ensinados na disciplina de História, pode-se afirmar que a partir de 1860, as escolas primárias e secundárias começaram a, sistematicamente, incluir em seus programas a História nacional. Portanto, os primeiros conteúdos de História ensinados no Brasil tinham como objetivo a constituição e formação da nacionalidade, com seus heróis e marcos históricos, sendo a pátria o principal personagem desse tipo de ensino.

A disciplina de Estudos Sociais foi promulgada oficialmente na Lei Número 5.692/71, passando a ser ensinado nas como conteúdo específico da História e com ensinamentos continuaram entrelaçados às concepções tradicionais, destinado somente a alunos de segundo grau.

Segundo Vasconcelos e Moreira (2007), não deve se pensar que a História seja equivalente a uma receita de bolo, pois coisas que deram certo no passado podem dar certo no presente, e, coisas que deram errado no passado também podem dar

errado no presente. O contexto em que determinada ação do passado ocorreu foi outra, e nada pode garantir que a mesma ação se execute no presente apresente os mesmos resultados.

Se desejamos construir uma prática de ensino de História que privilegie a compreensão do aluno enquanto sujeito da História. De uma História que não é dada e sim construída, não é possível trabalhar todo o conteúdo programático! Isso porque o nosso trabalho exige escolhas e uma das mais importantes é assumir a responsabilidade pelo trabalho com o conhecimento ultrapassado, mero repasse de informações (VASCONCELOS; MOREIRA, 2008, p. 20).

O conteúdo de História ainda era repassado de forma tradicional na disciplina de estudos sociais, onde se preocupava apenas em repassar as informações, e representa um processo em contínua transformação e adaptação à realidade dos alunos e da sociedade como um todo. Neste processo é indispensável que o professor acompanhe as transformações e procure continuamente se adaptar às novas demandas do ensino.

De acordo com Borges (1993, p. 45), não se consegue ainda, de fato sistemática e amplamente, despertar nos alunos o interesse pelo raciocínio histórico, mostrando sua importância. Ensino decorativo gera o “ser pacífico”: embaralham-se em suas cabeças, desarticuladamente, nomes, datas, fatos e personagens. O Ensino decorativo, com base em datas, nomes, fatos e personagens, figura como desarticulação do sentido concreto. O autor supracitado diz que em relação ao ensino de História, em especial ao ensino público, de primeiro e segundo graus: “é muito duro ter que escrever que não vejo ainda ao raio da esperança”.

Segundo Vasconcelos e Moreira (2008), desde a época dos jesuítas, principais educadores durante grande parte do período colonial no Brasil, já se insistia na memorização dos conteúdos escolares, sendo o bom aluno não seria aquele que sabia expressar sua criatividade, ao contrário, era melhor avaliado aquele que soubesse reproduzir fórmulas prontas a partir de um esquema de perguntas e respostas.

A História ensinada nas escolas tem respondido a mudanças, incorporando esses novos interesses do currículo, do que afirmam Vasconcelos e Moreira (2008, p. 36) que “as novas teorias e métodos educacionais tem contribuído para um redirecionamento das práticas pedagógicas do ensino de História”.

Ensinar história passa a ser então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom, como comumente ouvimos alunos afirmarem. O aluno que declara “eu não sirvo para entender História” evidencia a interiorização do preconceito e incapacidade não resolvida. Ele deve entender que o conhecimento histórico não é uma mercadoria que se compra bem ou mal. Assim, a aula de História é o espaço em que um embate é tratado diante do próprio saber. (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 30).

Ainda sobre o ensino de História, Bittencourt (2011), diz que a organização do estudo de História, representa tema que produz assim vários problemas que precisam ser esclarecidos. Um dele é distinguir entre História e temática, na qual, os historiadores a concebem na realização das suas pesquisas e, História ensinada por eixos temáticos, distinção fundamental que tem sido pouco explicitada nas propostas curriculares, o que induz a vários erros na prática escolar.

2.3 AS TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O ensino de História no período jesuítico, aponta que desde a chegada dos Europeus, a educação no Brasil foi deixada a cargo da companhia de Jesus, grupo religioso mais atuante da época da colonização. No entanto, a História estudada tinha muita influência religiosa, basicamente História da Bíblia e, mesmo da Idade Média até o século XVII, predominou uma História apoiada na religião e marcada por uma concepção providencialista, segundo a qual o curso de História Humana era baseado na intervenção divina. Vale lembrar que a História bíblica também era um conteúdo abordado que foi retirado do currículo em 1870 com a diminuição do poder da Igreja sobre o estado.

De acordo com Borges (1993), quando os Jesuítas chegaram no Brasil, em 1549, fundaram a primeira escola e só utilizavam textos históricos como suporte para ensinar a ler e escrever e seus conteúdos se quer eram discutidos. Ressalta ainda que a escola se ensinava os preceitos religiosos e o bê-a-bá, para o ensinamento da religião católica e as primeiras letras, e os recolhimentos ou internatos, as casas de meninos. Companhia de Jesus, mas com vagas para alunos externos.

A educação jesuítica tinha caráter religioso, desejando então, moldar alguns costumes dos índios, como a poligamia, o alcoolismo e a antropofagia, desde cedo os jesuítas concentraram os seus esforços educativos no segmento das crianças: curumins, mestiços ou mamelucos, e filhos dos portugueses adventícios.

Segundo Aranha (2006) esta foi atuação constante até o século XVIII, não só entre os nativos, mas sobre tudo na sociedade colonial, podemos dizer que os jesuítas imprimiram um modo marcante de ideários católicos com a concepção de mundo dos brasileiros e conseqüentemente introduziram a tradição religiosa do ensino que perdurou até a República. Foi apenas em 1837 que o colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, instituiu a História como disciplina obrigatória e autônoma, tendo como foco a formação das civilizações orientais e o Estado do Brasil era apenas um de seus apêndices.

Segundo Klein (2016) a maioria dos professores do colégio Dom Pedro II eram formados por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838 e adepto de uma visão política-romântica do processo de construção do Brasil. Além de pautar o ensino pela questão da identidade nacional de maneira ufanista, o papel do ensino de História era voltado para formação moral e cívica. A metodologia utilizada era a tradicional, que tinha como princípio levar os alunos a decorarem datas e fatos.

Também houve a interferência do historiador Prussiano Leopold Von Ranke (1795-1886) que via História como uma sucessão de fatos que não acessão de fatos que não aceitavam interpretações. Segundo ele, pesquisadores e educadores deveriam se manter neutros e até passar o conhecimento sem discuti-los, usando para isso uma exposição cronológica.

Em todos os tempos o ensino de História foi permeado por escolhas políticas, e no Brasil não foi diferente, visto que, após a Proclamação da República em 1889, a construção da identidade do país tornou-se prioridade e, as elites tinham que garantir a existência de um Estado e nação, escolhendo para ser ensinado aos alunos conteúdos de exaltassem grandes “heróis” nacionais e feitos políticos gloriosos. Desde então, poucas mudanças aconteceram em termos do que se ensina nessa área, pois sempre houve a influência, sobretudo, das visões de quem estava no poder.

Ainda existe a noção de cultura escolar como uma das categorias norteadoras para a análise da constituição da História enquanto um conhecimento escolarizado, pois, a cultura escolar pode ser considerada como um conjunto de teorias, ideias, princípios, rituais, hábitos e práticas, formas de fazer e de pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados ao longo do tempo sob a forma de tradições, regularidades e regras. No entanto, a especificidade do campo do Ensino de História impõe a necessidade de se analisar a natureza desse conhecimento e sua relação com as culturas escolares.

Nesse sentido, os trabalhos de Rüsen (1994) podem ser tomados como referência para a construção de um diálogo entre o Ensino da História e as perspectivas dessa ciência, levando-se em conta a categoria de cultura histórica para esse autor, cultura histórica pode ser considerada uma categoria de análise que trata dos fenômenos relacionados ao papel da memória no espaço público.

No pensamento ruseniano, cultura histórica inclui todos os procedimentos da memória histórica pública e diz respeito às diferentes estratégias de investigação científico-acadêmica, de criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar. Essas estratégias conformam as diferentes dimensões da cultura histórica, como a dimensão estética, a política, a cognitiva e a dimensão ética, relacionadas às diferentes sociedades, em diferentes épocas.

Schmidt e Cainelli (2004), fazem uma breve abordagem sobre a História oral que a mesma são as memórias e recordações das pessoas vivas sobre o passado, a História oral escolar serve para diminuir a brecha entre o acadêmico e a comunidade; traz uma história a casa, já que relaciona o mundo da sala de aula, e o livro didático com o mundo social direto e cotidiano da comunidade em que vive e estuda.

Em suma, o ensino de História no Brasil passou por várias transformações que acompanharam, muitas vezes, as mudanças ocorridas na organização e nas propostas educacionais brasileiras. Assim, pode-se pontar pelo menos, três fases características desse ensino: a fase que se pode denominar de ensino tradicional, a fase em que predominou o ensino de Estudos Sociais e a fase atual de ensino de História.

A finalidade de ensino cívico era formar um cidadão responsável e ativo acima de tudo ligada dimensão patrimonial, o que permite ao mesmo tempo, que eles se apropriem de um patrimônio gerador de identidade. [...] “A formação de um cidadão esclarecido repousa sobre a apropriação de uma cultura comum e criadora de identidade” (SCHIMIDT; CAINELLI 2004, p. 21).

A História é uma disciplina passível de muitas abordagens que até a pouco tempo não estava em sala de aula, mas que hoje são vistas como destaque. Por isso tornou-se premente o trabalho com diversas fontes e o relacionamento do passado com o presente para que se entenda que contra fatos há. Tudo vai depender do olhar que se lança sobre elas. Ademais, segundo estes autores, diz respeito a um movimento inserido na dinâmica das articulações entre as instituições escolares e determinados projetos e propostas políticas.

A História permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos-chave que compõem o fenômeno educativo, tais como os tempos, os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares (FARIA FILHO, 1998, p. 17).

Trata-se de um processo paulatino de produção de referências sociais, tendo a escola ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos como eixos articuladores de sentidos e significados, ao qual dá o nome de escolarização do social. Nesse processo, a noção de cultura escolar é particularmente importante para a compreensão deste fenômeno.

Ainda existe a noção de cultura escolar como uma das categorias norteadoras para a análise da constituição da História enquanto um conhecimento escolarizado, pois, a cultura escolar pode ser considerada como um conjunto de teorias, ideias, princípios, rituais, hábitos e práticas, formas de fazer e de pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados ao longo do tempo sob a forma de tradições, regularidades e regras.

A especificidade do campo do Ensino de História impõe a necessidade de se analisar a natureza desse conhecimento e sua relação com as culturas escolares. Nesse sentido, os trabalhos de Rüsen (1994) podem ser tomados como referência para a construção de um diálogo entre o Ensino da História e as perspectivas dessa ciência, levando-se em conta a categoria de cultura histórica.

Para esse autor, cultura histórica pode ser considerada uma categoria de análise que trata dos fenômenos relacionados ao papel da memória no espaço público. Entendendo-se a cultura escolar e a cultura histórica numa perspectiva relacional e dialética pode-se afirmar que, no processo de constituição da História como disciplina escolar no Brasil, ocorreu o mesmo fenômeno da Alemanha. Com a institucionalização e profissionalização da História, a didática da História, isto é, a questão do seu ensino e aprendizagem.

Nas décadas de 80 e 90, o ensino de História passou então a ter um papel importante na formação de cidadãos críticos e atuantes em seu meio social e esse papel permanece na atualidade (FONSECA, 2003). Entretanto, o que percebeu, foi o professor de História repetindo os mesmos erros que ocorreram no passado nem tão distante da nossa educação. Pois, o mesmo ainda continua muito preso ao livro didático, não contextualiza os conteúdos e tão pouco sugere uma discussão acerca dos fatos históricos abordados em suas aulas. A metodologia que utiliza resume-se

apenas à leitura do livro didático, cópias e correção de exercícios, sem contar que não dava oportunidade sequer de os alunos criarem suas próprias respostas baseadas no que liam sobre o conteúdo estudado, haja vista que, ao terminar de passar a atividade a docente logo começava a respondê-las.

De acordo com Monteiro (2004), na atualidade, com tantos avanços no sentido tecnológico, social, econômico e político, o estudo de história vem perdendo sua importância para crianças e jovens, os mesmos não compreendem o porquê estudar o que já passou, considerando assim o ensino de história desnecessário para sua atuação na sociedade contemporânea. Entretanto, percebe-se que as práticas pedagógicas do professor de História do 5º ano, não fazem nenhuma alusão ao uso de outros meios que poderiam ser utilizados como forma de tornar suas aulas mais dinâmicas, atrativas e participativas.

2.4 A DISCIPLINA DE HISTORIA NA LDB 9.394/96 (PCNs E BNCC)

Conforme Silva (2014) na década de 1990 ocorreram transformações substanciais na sociedade e, por consequência, na legislação educacional brasileira e em relação ao ensino de História, mediante a aprovação da lei de Diretrizes e Bases (LDB) de número 9394 de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a História é uma ciência fragmentada, com um vasto campo de atuação, como a História Econômica; a História Social, História das Mentalidades e outras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trabalham na perspectiva de a História adequar-se ao novo movimento sociocultural, preocupando-se com significado da cidadania, compartilhando a ideia de que a história moderna da cidadania se constituiu pela ampliação dos direitos a serem garantidos (civis, políticos, sociais e culturais).

A Base Nacional Comum Curricular diz que objetiva-se promover a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

A história nacional identificava-se com a história pátria, cuja missão, juntamente com a história da civilização era de integrar o povo brasileiro a moderna civilização ocidental. A história pátria era entendida como alicerce da pedagogia do cidadão, seus conteúdos deveriam enfatizar as tradições e um passado homogêneo, com feito glorioso de célebres personagens na luta pela defesa do território nacional.

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (BRASIL, 1998, p. 30).

Os objetivos gerais dos PCNs de História é que ao longo do ensino fundamental os alunos gradativamente possam ampliar a compreensão da sua realidade, especialmente confrontando-a e relacionando-a com outras realidades históricas, e assim, possam fazer suas escolhas e estabelecer critérios para orientar suas ações. Os alunos deverão ser capazes de:

Quadro 1 - Objetivos gerais dos PCNs.

- Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio,
- Situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos,
- Reconhecer que o conhecimento histórico é parte de um conhecimento interdisciplinar,
- Compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas,
- Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais e econômicas, políticas e sociais, reconhecendo a semelhanças e diferenças entre eles, continuidade e descontinuidade, conflitos e contradições sociais,
- Questionar a sua realidade,
- Identificar os problemas e possíveis soluções, conhecendo formas políticas- institucionais e organização da sociedade civil.

Fonte: Brasil PCNs, 1998.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), implantados a partir de 1997, apontam uma organização curricular por eixos temáticos, desdobrados em subtemas. Para os quatro anos iniciais do Ensino fundamental, foi proposto o estudo de dois eixos temáticos: I) História local e do cotidiano, subdividida em dois subtemas: 'localidade' e 'comunidades indígenas'; II) História das organizações populacionais, subdividida em 'deslocamentos populacionais', 'organizações e lutas de grupos sociais e étnicos', e 'organização histórica e temporal' (SILVA, 2014).

Os PNC's (BRASIL, 1998) indicam que devem ser trabalhado conteúdos que tenham o objetivo de contribuir para a formação intelectual e cultural dos estudantes; favorecer o conhecimento de diversas sociedades historicamente constituídas, por meio de estudos que considerem múltiplas temporalidades; propiciar a compreensão de que as histórias individuais e coletivas se integram e fazem parte da História.

O saber histórico escolar, na sua relação com o saber histórico, compreende, de modo amplo, a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Os contornos e as definições que são dados a esses três conceitos orientam a concepção histórica, envolvida no ensino da disciplina. Assim, é importante que o professor distinga algumas dessas possíveis conceituações (BRASIL, 1998, p. 3).

Uma das principais características dos PCNs é a ênfase dada ao aspecto cultural, à defesa do multiculturalismo, devido a imensa diversidade cultural do Brasil, o que acaba omitindo vários problemas como as desigualdades sociais, a opressão, e reduz os problemas sociais ao racismo e a discriminação.

Segundo Ramos (2006), o multiculturalismo pode designar tanto uma filosofia anti-preconceito, quanto uma metodologia educacional, e a muito tempo é uma experiência vivida por representantes de grupos minoritários, na luta para que seus direitos sejam respeitados, que até que tenham direitos.

Tornou-se obrigatória a implantação no currículo de História do Brasil, estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, sempre incorporando contribuições das diferentes manifestações culturais, além das manifestações artísticas relacionadas às diferentes etnias que compõem originariamente a formação do povo brasileiro.

Sanfelice (2005), afirma que o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrada nas aulas de História com o tema escravidão negra africana. Uma primeira reflexão a ser feita é sobre a palavra escravo, que foi sempre atribuída a pessoa em determinadas condições de trabalho, portanto, a palavra escrava não existe sem um significado do que é o trabalho e suas condições.

Para Carvalho (2013) depois dessa nova diretriz, o professor deve ressaltar em sala de aula as o estudo da História e cultura afro-brasileiras e africana como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados

como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, os pensamentos e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas. Portanto o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

O saber histórico escolar, na sua relação com o saber histórico, compreende, de modo amplo, a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Os contornos e as definições que são dados a esses três conceitos orientam a concepção histórica, envolvida no ensino da disciplina. Assim, é importante que o professor distinga algumas dessas possíveis conceituações (BRASIL, 1998, p. 3).

A escola é essencial no processo de inclusão e democratização do aluno como pessoa socialmente ativa no Brasil. Os PCNs (BRASIL, 1998) trabalham na perspectiva de a História adequar-se ao novo movimento sociocultural, preocupando-se com significado da cidadania, compartilhando a ideia de que a história moderna da cidadania se constituiu pela ampliação dos direitos a serem garantidos (civis, políticos, sociais e culturais). Essa análise se amplia no 5º ano, cuja ênfase está em pensar a diversidade dos povos e culturas e suas formas de organização. A noção de cidadania, com direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades pressupõem uma educação que estimule o convívio e o respeito entre os povos.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental é importante que o aluno compreenda os conceitos de tempo histórico, a partir de vivências pessoais, e precisa ser compreendido como um objeto de cultura criado pelo homem, como o calendário e relógio, a distinção do dia e da noite. Inicialmente ele precisa perceber as semelhanças e diferenças e transformações no modo social, cultura e econômica da sua localidade. Como elas ainda estão início da alfabetização e ideal que use a ludicidade, como as fotografias mapas filmes, alimento objeto de uso cotidiano.

Espera-se que ao final do primeiro ciclo o aluno seja capaz de comparar os acontecimentos no tempo, reconhecer semelhanças e diferenças sociais e econômica, desenvolver determinadas competências, referente a aprendizagem de História, o reconhecimento da diversidade entre grupos sociais, base nos princípios éticos, respeitando a diversidade sem preconceitos étnicos, de gênero, religião ou qualquer outro tipo, e o estímulo ao exercício de fazer História são condições

fundamentais para o desenvolvimento das competências gerais prevista na BNCC (BRASIL, 2017).

Apresenta abaixo a relação entre a unidade temática, os objetivos de conhecimento e as habilidades previstas na BNCC para a disciplina de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

HISTÓRIA – 1º ANO

Quadro 2 - Unidade temática e objetos do conhecimento para 1º ano.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Mundo pessoal: meu lugar no mundo	As fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro)
	As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.
	A escola e a diversidade do grupo social envolvido
Mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo	A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial.
	A vida em família: diferentes configurações e vínculos.
	A escola, sua representação espacial, sua história e seu papel na comunidade.

Fonte: BNCC (2017).

Quadro 3 - Habilidades para o primeiro ano.

HABILIDADES
Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.
Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.
Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.
Conhecer as histórias da família e da escola e o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.
Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.
Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.

Fonte: BNCC, 2017

Ao longo do primeiro ano do ensino fundamental os alunos devem adquirir as habilidades acima relacionadas, sempre dando ênfase ao lúdico, o que é fundamental nessa etapa.

Essas habilidades acima citadas começam com o verbo: conhecer, reconhecer, identificar, descrever, percebe-se que a base não cobra neste primeiro ano o pensamento crítico reflexivo, o aluno deve apenas observar e identificar os fatos ou elementos da sociedade.

O primeiro ano as habilidades dão ênfase organização dos grupos e dos lugares, entender a família a função de cada um, diferenciar as organizações sociais como família escola e igreja, fazendo ela entender as diferenças entre essas instituições e entre si mesmo e o outro.

HISTÓRIA – 2º ANO

Quadro 4 - Unidade temática, objetivo do conhecimento- 2º ano.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
A comunidade e seus registros	A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas
	A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço Formas de registrar e narrar histórias (marcos de memória materiais e imateriais)
	O tempo como medida
As formas de registrar as experiências da comunidade	As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais
O trabalho e a sustentabilidade na comunidade	A sobrevivência e a relação com a natureza

Fonte: BNCC (2017).

Quadro 5 - Habilidades para o segundo ano.

HABILIDADES
Reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco. Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades. Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.
Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.
Selecionar objetos e documentos pessoais e de grupos próximos ao seu convívio e compreender sua função, seu uso e seu significado.
Identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois). Identificar e utilizar diferentes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário.

Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes. Identificar objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados.
Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância. Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.

Fonte: BNCC (2017).

No segundo ano o aluno, assim como no primeiro, os verbos se repetem e acrescenta o verbo selecionar e compilar o que também não exige um pensamento crítico dos fatos ou sociedade, mas já requer do aluno a capacidade contextualizar e interpretar, o conteúdo devem sempre partir das vivências dos alunos.

O professor deve sistematizar as experiências históricas dos alunos conversando sobre seus hábitos cotidianos e comportamento, comparando com o modo de vida de povos de outros lugares e outros tempos. Assim possibilitando o aluno a entender o “eu” e a partir de si entender o próximo e o mundo ao seu redor.

Portanto, essa habilidade requer que o aluno somente identifique, saiba o que foi tal fato, mas não exige uma ação maior. Nos próximos anos essa habilidade já requer do aluno uma análise maior dos fatos e atitudes mais pensante.

HISTÓRIA – 3º ANO

Quadro 6 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o terceiro ano.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município	O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive
	Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive
O lugar em que vive	A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.)
	A produção dos marcos da memória: formação cultural da população
	A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças
A noção de espaço público e privado	A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental
	A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer

Fonte: BNCC (2017).

Quadro 7 - Habilidades para o terceiro ano.

HABILIDADES
Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc. Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive. Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.
Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados. Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.
Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções. Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos. Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.

Fonte: BNCC (2017).

No terceiro ano as habilidades mais citadas e identificar, mapear continuam, acrescentando a habilidade de comparar, fatos em tempos e espaços sempre analisando as mudanças e também as permanências, identificar os diferentes modos de vida, rural e urbano, comparando o presente com o passado, exercitando a empatia o diálogo entendendo a diversidade, enfatizando que não existe um povo melhor ou pior que o outro, que eles são diferentes, viveram em tempos diferentes. Neste terceiro ano o aluno deve adquirir os conceitos de patrimônio público e privado e também o sentido de cuidar desses patrimônios.

HISTÓRIA – 4º ANO

Quadro 8 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o quarto ano.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras
	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais

Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural
	A invenção do comércio e a circulação de produtos
	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural
	O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais
As questões históricas relativas às migrações	O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo
	Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960

Fonte: BNCC (2017).

Quadro 9 - Habilidades para o quarto ano.

HABILDADES
Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).
Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.
Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.
Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.
Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

Fonte: BNCC (2017).

No quarto ano das séries iniciais do ensino fundamental já há a habilidade de análise assim como no quinto, os alunos devem entender e analisar a ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo,

agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras. E discutir isso em sala, conteúdos mais complexos que exige em pensamento mais amplo, atitudes mais pensante e investigadora, esses conteúdos devem ser trabalhado de forma lúdica, e de acordo com as vivências do aluno, tornando assim as aulas mais significativas.

HISTÓRIA – 5º ANO

Quadro 10 - Unidade temática, objetivo do conhecimento para o quinto ano.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados
	As formas de organização social e política: a noção de Estado
	O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos
	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas
Registros da história: linguagens e culturas	As tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias
	Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade

Fonte: BNCC (2017).

Quadro 11 - Habilidades para o quinto ano.

HABILIDADES
Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.
Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.
Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas. Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.
Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Fonte: BNCC (2017).

O 5º ano é uma etapa muito importante, pois o aluno está sendo preparado para o Fundamental maior, uma etapa mais complexa que lhe exige mais habilidades. Portanto, o aluno já tem que se entender como um sujeito histórico, parte da história. Percebe-se que a habilidade identificar predomina somente no quarto e quinto anos, que surge a habilidade de analisar, portanto o principal processo é a capacidade de identificar.

Diante dessas competências e habilidades, a unidade temática espera que o professor nesse processo de ensino/aprendizagem vá além do que está expresso, atuando como referência à específica área do conhecimento e que proceda de maneira reflexivas em sala de aula.

2.5 O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS

Durante muito tempo o Ensino de História nas escolas brasileiras foi permeado por fatos políticos nos quais eram favorecidas as elites e as classes dominantes. Por conta de seus interesses políticos escolhiam os conteúdos que deveriam ser ensinados e na maioria das vezes esses conteúdos exaltavam as lutas, os heróis e os feitos políticos da época.

Para Siqueira (2012) com o passar dos tempos e com os avanços na área educacional, o Ensino de História começou a ser questionado fazendo assim, com que houvesse um rompimento com os métodos tradicionais onde o ensino era baseado apenas na leitura de livros didáticos e na cópia de exercícios extraídos dos mesmos.

De acordo com o autor supracitado, pode-se dizer que a partir desse rompimento, surgiram várias mudanças na forma de ministrar aulas, porém, percebe-se que nas séries iniciais este ensino ainda permanece distante dos interesses dos alunos. Dessa forma se faz necessário que novas metodologias sejam adotadas no ensino de história com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e significativas diante do contexto atual em que os alunos estão inseridos.

Entretanto, o que observamos na escola são professores que acabaram de se formar cometendo os mesmos erros dos quais possivelmente foram vítimas no passado. Utilizam-se de metodologias inadequadas e obsoletas e o mais incrível é que ainda atribuem a culpa de as aulas não terem o sucesso esperado ao comportamento dos alunos.

História é um componente curricular obrigatório nas escolas, porém, nem sempre desenvolvido de modo adequado, considerando sua importância para a formação dos indivíduos, já que possibilita a construção de conhecimentos significativos do mesmo na sociedade. Muitos profissionais da área não desenvolvem a disciplina de maneira adequada, deixando a desejar em suas metodologias e didáticas, além de aplicarem o conteúdo sem a devida ênfase, defasando assim o ensino (SCHIMIDT; CAINELLI 2004, p. 44).

O ensino de História hoje é um componente curricular obrigatório nos primeiros anos do ensino fundamental, objetiva levar o aluno a compreender as semelhanças e diferenças, as transformações sociais, culturais e econômicas de sua localidade, fazendo um paralelo entre o passado e o presente mediante a utilização de diferentes recursos, variando de acordo com a clientela atendida.

Para Libâneo (1994) a didática se caracteriza entre a medição da base teórica-científica da educação e da prática docente. Ela opera como uma ponte entre o “o que” e o “como” do processo pedagógico escolar. A didática são métodos e recursos, técnicas e estratégias usadas para desenvolver um aprendizado que seja significativo, e basicamente a forma de desenvolver o conteúdo em sala de aula que leve o aluno a aprender. O professor deve estar seguro do seu método que irá utilizar, ter todo o embasamento teórico bem fundamentado para quando aplicado consiga chegar ao objetivo final que é a aprendizagem do aluno.

Siqueira e Quirino (2012, p.56) afirmam que o ensino de História no Brasil está estagnado, ou seja, que não acompanhou os avanços e que permanece sendo transmitida de forma tradicional desde o período jesuítico até os dias atuais. “[...] a educação brasileira se desenvolveu, primeiramente por influência da pedagogia católica (a pedagogia tradicional de orientação católica com os jesuítas)”. Percebe-se que mesmo nos dias atuais utiliza-se da prática de ensino tradicional.

No Brasil a Pedagogia Progressista Crítica Social dos Conteúdos se firma fundamentalmente a partir de 1979. Tem como foco a transmissão de conteúdos científicos por parte da escola, porém sem ser conteudista. Defende que este método

e capaz de promover a crítica de se conhecer como ser humano, e transformar o mundo por meio do conhecimento.

Saviani (2008) apresenta a pedagogia histórico-crítica como possibilidade de superação das pedagogias crítico-reprodutivistas: Teoria do sistema de ensino como violência simbólica, Teoria da escola como aparelho ideológico do Estado e Teoria da escola dualista. Teorias essas que possuem caráter crítico, levando em consideração as condições sociais da educação, mas por outro lado não mostram possibilidades de uma transformação social, fazem apenas a reprodução das relações sociais vigentes. Para as teorias crítico-reprodutivistas a escola na sociedade capitalista não terá outra função que não seja a reprodução dos interesses do capital, a manutenção das desigualdades e dos interesses hegemônicos.

A história decorada deve dar espaço para a história estudada e investigada, essa assimilação precisa ocorrer para que haja o rompimento da escola tradicional para a escola nova, onde o educador deixa de ser a figura autoritária e única detentora do saber e passa a ser um mediador e um facilitador do conhecimento, levando em conta o conhecimento que o seu aluno possui.

Para Lukese (1994), essa pedagogia propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicionais e renovadas, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta e, conforme Libâneo (1994) uma educação escolar critica a serviço das transformações sociais e econômicas, supera as desigualdades sociais decorrentes das formas sociais capitalista de organização da sociedade.

Um dos maiores desafios do ensino de História hoje é oferecer uma educação básica de qualidade para a inserção do mesmo no âmbito social. O ato de auxiliar a criança a construir um sentido no estudo da História constitui-se em um desafio que requer ações educativas articuladas e planejadas, surgindo, então, a necessidade de oferecer um contraponto que permita ressignificar as experiências do estudante no contexto histórico da qual faz parte.

Um dos maiores objetivos de ensinar História nos primeiros anos é fazer com que a criança se situe e se sinta um ser social que faz parte da história. Para isso o educador precisa encontrar maneiras de vincular a educação com o desenvolvimento do conhecimento como sendo ele gradativo e constante; exercício da cidadania; além de desenvolver competências que os possibilite refletir sobre si mesmos como seres atuantes de suas próprias vidas e na sociedade.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi pautada nos apontamentos de Chizzotti (2008), Gil (1996), Severino(2002), Prodanov (2003). De forma geral, uma pesquisa reconhece o saber acumulado na história humana e investe interesse em aprofundar análises e a fazer novas descobertas em favor da sociedade.

Conforme Gil (1996), uma pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos, desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e à utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

De acordo com Severino (2002), uma pesquisa desencadeia uma série de procedimentos para a localização e busca metódica dos documentos que possam interessar ao tema discutido. Tais documentos se definem pela natureza dos temas estudados e pelas áreas em que os trabalhos se situam. Tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos: livros, artigos.

Portanto, o procedimento técnico deste estudo é a pesquisa bibliográfica, realizada a partir de material já publicado, como livros, artigos, periódicos, na Internet, etc. Ressalta-se que, em relação aos dados coletados na internet, atentou-se para a confiabilidade das fontes consultadas eletronicamente, visto que, de acordo com Gil (2002, p. 45), na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos fatos obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

No levantamento bibliográfico deste trabalho de conclusão de curso, tendo como foco “O Ensino de História na séries iniciais do Ensino Fundamental, trouxe a contribuição teórica de autores renomados como Schimidt (2004), Borges (1993), Boschi (2007), Bittencourt (2001), Guimarães (2012), Bloch (2002), entre outros que deram fundamentação ao estudo realizado.

Quanto à natureza se trata de uma pesquisa básica, pois tem como objetivo gerar conhecimentos que sejam úteis para a ciência e tecnologia, sem necessariamente haver uma aplicação prática. Quanto ao objetivo esta pesquisa é exploratória, qual permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema

pesquisado, ou seja, buscou-se aprofundar a temática Ensino de História nas Series Iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto à abordagem, esta pesquisa é qualitativa para a análise das informações coletadas, trazendo opinião ou ponto de vista do pesquisador. A forma de pesquisa com abordagem qualitativa, conforme Prodanov (2003) pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isso é, um vínculo indissociável entre o mundo do objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser trazido em números. A interpretação de fenômenos e a atribuições de significados se valem do processo de pesquisa qualitativa, sendo o pesquisador o instrumento chave.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ENSINAR HISTÓRIA: ASPECTOS DIDÁTICOS-METODOLÓGICOS

As metodologias didáticas que o profissional do ramo utiliza são essenciais, pois o professor deve ser mais do que apenas o transmissor de conteúdo, mas sim o mediador e facilitador do conhecimento, levando em conta também que o aluno em uma sala de aula já possui, mesmo que de forma bruta, conhecimento.

Partindo do fato que o aluno possui conhecimento, o educador terá a função de lapidar, unificar e agregar informações ao mesmo. Visando alcançar os alunos que encontrará em sala de aula, é necessário que o educador possua um leque de opções de ensino, uma vez que os alunos possuirão necessidades diferentes assim como dificuldades.

Para Saviane (2008), a necessária dinâmica esperada de uma aula de História, trata-se de oferecer um contraponto que permita ressignificar suas experiências no contexto e na duração histórica da qual fazem parte, e também apresentar os instrumentos cognitivos que os auxiliem a transformar os acontecimentos contemporâneos e aqueles do passado em problemas históricos a serem estudados e investigados.

As crianças vivem e participam de um tempo de múltiplos acontecimentos que precisam ser compreendidos na sua historicidade. No entanto, a compreensão da historicidade dos acontecimentos tem sido dificultada, não só pela sua quantidade e variedade, mas também pela velocidade com que se propagam por meio das tecnologias da informação e da comunicação. O acúmulo e a velocidade dos acontecimentos afetam não só os referentes temporais e indenitários, os valores, os padrões de comportamento, construindo novas subjetividades, como também induzem os jovens a viverem, como diz Hobsbawm (1995), “numa espécie de presente contínuo” e, portanto, com fracos vínculos entre a experiência pessoal e a das gerações passadas (BRASIL, 2006, p.65.)

O aluno de hoje está conectado a várias fontes de informação, a tecnologia está enfraquecendo o vínculo pessoal, o professor deve se aliar a essas tecnologias, usa-la a favor da educação, pois essa geração está sempre conectada ao mundo digital, e a escola deve fornecer estrutura para que essa interação aconteça.

Levando em consideração essa transição, Siqueira (2010), afirma que o educador deverá apresentar metodologias que estimulem e valorizem a participação

do aluno no processo de ensino/aprendizagem, para que, dessa forma, a construção do conhecimento para o mesmo se torne significativa.

Para alcançar objetivos tão complexos, o educador tem contato em sua formação acadêmica com disciplinas que o norteará em sua vida profissional, entre elas, pode-se citar: Metodologia de Ensino; Didática aplicada; Ética e Educação; Prática de Ensino e os Estágios Supervisionados. Tais disciplinas são cernes para que o docente desenvolva suas práticas de ensino em sala de aula.

O processo de planejamento de uma disciplina contribui para seu bom desenvolvimento, pois torna seus conteúdos mais contextualizados e sua metodologia, mais dinâmicas. Porém ao colocar em prática o que foi planejado o professor pode se deparar com diversas dificuldades, o que pode contribuir para que visualize outras possibilidades de ensino, pois além de perceber que a prática é diferente da teoria, o educador percebe a importância de avaliar constantemente suas práticas pedagógicas e refletir sobre essas experiências educativas.

Há algum tempo os professores se preocupam em tornar a sua disciplina interessante e relevante para os alunos. Não raro, reclamam da resistência que muitos dos estudantes têm em participar efetivamente das aulas. Resistência essa que passa pela incompreensão em lidar com uma área do conhecimento ligada ao passado, ligada a tempos distantes da realidade vivenciada pelos alunos.

Para tentar romper essas barreiras, o profissional que se propões em adotar metodologias e formas diferentes de ministrar sua aula, também preocupa-se se essas formas são de fato as melhores. O profissional passa a ser didático quando se preocupa em avaliar criticamente as metodologias, formas e melhor emprego delas em salas de aula. Nesse sentido, aponta Guimarães, em sua obra “Didática e Prática de Ensino de História” de 2003:

A transformação do ensino de história é estratégica não só na luta pelo rompimento com as práticas com as práticas homogeneizadoras e acríticas, mas também na criação de novas práticas escolares. O objetivo do saber histórico escolar é constituído de tradições, ideias, símbolos e significados que dão sentido às diferentes experiências históricas. Os professores de história, num determinado contexto escolar, com sua maneira própria de agir, ser, viver e ensinar, transforma um conjunto de conhecimentos históricos em saberes efetivamente ensináveis e faz com que os alunos não só compreendam, mas assimilem e incorporem esses ensinamentos de variadas formas (GUIMARÃES, 2003, p. 34)

A didática para assumir um papel significativo na formação do educador não poderá reduzir-se e dedicar-se somente ao ensino de meios e mecanismos pelos quais desenvolver um processo de ensino-aprendizagem, e sim, deverá ser um modo crítico de desenvolver uma prática educativa forjadora de um projeto histórico, que não será feito tão somente pelo educador, mas, por ele conjuntamente com o aluno.

É importante que o educador diferencie a metodologia da didática, pois apesar de ligadas, são conceitos diferentes. Tanto a Didática como a Metodologia estudam os métodos de ensino, a diferença encontra-se na metodologia como forma de estudar os métodos de ensino, classificando-os e descrevendo-os sem fazer juízo de valor e a didática, por sua vez, faz um julgamento ou uma crítica do valor dos métodos de ensino.

No momento que o educador se prontifica em adotar a postura didática, ele passa a refletir sobre as ações e metodologias usadas na sua vida profissional. Com essa atitude o professor terá um desenvolvimento de ensino-aprendizagem melhor do que o professor apenas metodológico, pois ele se propõe a examinar constantemente suas ações e atitude no decorrer da sua profissão. A criticidade na didática permite que o professor consiga escolher metodologias adequadas de acordo com a necessidade que encontrará nas turmas que ministrará sua aula.

De acordo com Libâneo (1994 p. 54), o objetivo de estudo da didática e o processo de ensino [...] didática e o processo de ensino que “inclui os conteúdos dos programas e dos livros didáticos, os métodos e formas organizativa do ensino, as atividades do professor e dos alunos e as diretrizes que regulam e orientam esse processo”.

Ao preparar sua aula o educador deve se preocupar com a série que irá ministrar suas aulas, pois a abordagem e postura do professor deve variar, mas sem perder o foco maior que é a preparação do aluno como indivíduo ativo e participativo da sociedade que atua.

O docente precisa fazer uma analogia em suas aulas com os fatos históricos que pede a disciplina com a construção de identidades e promoção da cidadania. A seleção de conteúdos e materiais adequados, assim como diferentes fontes e linguagens no ensino são elementos que o educador encontra para variar as suas aulas.

A visão sobre o ensino de forma geral, entra em confronto com a realidade da instituição, que muitas vezes não oferece condições necessárias para um ensino de

qualidade. Os agravantes dentro de uma escola são variantes, como: uma sala sem carteiras ou quadros, sem data-show, televisão e sistema de vido, sem ar-condicionado ou ventilador, alunos que estão ali por simplesmente estarem e professores que não buscam fazer a diferença independente das dificuldades.

Em prática, o profissional trabalha com as opções que possui. Muitas vezes, nesta perspectiva, o professor para ministrar aula no ensino fundamental menor, onde é necessária uma aula mais lúdica, ele trabalha imagens por meios de cartazes tanto ele produzindo, quanto para os alunos produzirem; xerox com imagens e textos pequenos; vídeos educativos, filmes e músicas quando a instituição possui os aparelhos necessários e apresentações de peças e pequenos trabalhos. Tais metodologias são as mais comuns encontradas nas instituições de ensino, por serem de uma elaboração simples.

O educador precisa ter em mente que ele é o condutor e facilitador do conhecimento e apesar das dificuldades que as escolas possam apresentar, seja na estrutura ou na administração, ele precisa preparar seu aluno para a sociedade, o mesmo precisa ter no mínimo a educação básica, mas o seu papel vai além do conhecimento, pois o educando precisa, teoricamente, sair pronto para a vida.

A preocupação em repensar a maneira como ensinar História, ocorre principalmente, porque o educador precisa preparar educando para a vida, para o exercício da cidadania, e capacitá-lo para o aprendizado permanente e autônomo, não se restringindo a prepará-lo para outra etapa escolar. Segundo as Orientações Curriculares, de 2006:

Para fazer frente à necessidade vital de formação para a vida, o ensino pauta-se pelo conceito de educação permanente, tendo em vista o desenvolvimento de competências cognitivas, socioafetivas, psicomotoras e das que incentivam uma intervenção consciente e ativa na realidade social em que vive o aluno (BRASIL, 2006, p. 67)

Portanto, para alcançar com êxito a evolução que a educação vem sofrendo com o tempo, torna-se tarefa do professor criar situações de ensino para os alunos estabelecerem relações entre o presente e o passado, o particular e o geral, as ações individuais e coletivas, os interesses específicos de grupos e as articulações sociais.

Faz parte da profissão docente reconhecer que o saber escolar é construído na interlocução. Incorpora a dimensão do diálogo interpessoal, da diversidade cultural,

das significâncias múltiplas de seus interlocutores. Cada situação de sala de aula requer escolhas didáticas específicas e reflexões sobre o processo construído.

A História vem ganhando espaço no campo da investigação deixando de ser decorativa, mas se tornando um grande desafio devida a qualidade da educação básica. Tendo como objetivo desempenhar um pensamento crítico reflexivo. Portanto, as metodologias e didáticas utilizadas pelos professores são essenciais no processo de ensino e aprendizagem, pois o pedagogo não é apenas transmissor de conteúdo, mas um mediador e facilitador do conhecimento, sempre refletindo sobre a faixa etária dos alunos, peculiaridades sociais os métodos de ensino selecionados para aplicação do conteúdo.

Em suma, os procedimentos metodológicos são fundamentais para a condução de uma aula atraente e significativa, pois é através das metodologias adotadas pelo docente que o aluno poderá se identificar ou perder o interesse pela disciplina.

4.2 SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS

4.2.1 Para o 1º ano: aprendendo História brincando

Segundo Carleto (2012), os brinquedos têm o seu significado desde a mais tenra idade. Eles desafiam as crianças, permitem que elas conheçam com mais clareza importantes funções mentais, como o desenvolvimento do raciocínio abstrato e da linguagem. Dessa forma, mediante uma abordagem interdisciplinar, tencionamos estabelecer uma relação entre brincadeiras e brinquedos de hoje e de outras épocas.



Figura 1 - Brinquedos e brincadeiras antigas. Fonte: <https://novaescola.org.br>. (2017).

O brinquedo preenche necessidades da criança. Vygotsky (1998) entende que por meio do brinquedo a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos, relaciona-se e se agrega-se culturalmente. Além de que, por meio dele, a criança também aprende a agir numa esfera cognitiva e, assim, avança em sua capacidade cognitiva.

Vygotsky acredita que o brinquedo não é o aspecto predominante da infância, uma vez que a criança precisa satisfazer necessidades básicas da vida, mas é um fator muito importante do desenvolvimento. Por meio dele a criança se desenvolve. No brinquedo, ela se conduz para além do comportamento habitual de sua idade, portanto, no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade.

Os brinquedos e brincadeiras infantis de outras épocas devem ser revividos, pois dão prazer ao aluno; fazem parte da cultura infantil e utilizá-los é mais uma forma de resgatá-los; são atividades que auxiliam o aluno na percepção de que as histórias individuais e coletivas participam da construção da história da sociedade e são fontes valiosas para o conhecimento histórico; ajudam a situar o aluno no momento histórico em que vive, estabelecendo relações entre a dinâmica de tempos próximos e distantes, numa multiplicidade temporal (CARLETO, 2012, p. 32).

Nas aulas de história o professor pode resgatar os brinquedos e brincadeiras infantis de outras épocas, que, há muito tempo, vêm se perdendo, pela introdução dos brinquedos modernos. Ressalta como é relevante e possível a introdução desse resgate, na sala de aula das séries iniciais do Ensino Fundamental, pelo professor, assim favorecendo a aprendizagem.

Carleto (2012) ainda enfatiza a necessidade de recuperar as brincadeiras e os brinquedos do passado: os nossos, os de nossos pais e avós; conhecê-los e trazê-los de volta constitui um material fundamental para o conhecimento e a preservação de nossa cultura.

Kishimoto (2011) define brincadeira como sendo a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Desta forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo.

Nesse item, serão relatadas atividades que foram estruturadas de forma a dar oportunidade ao aluno de refletir sobre a sua realidade, comparando-a com outras realidades, em outros tempos e espaços, estabelecendo relações entre o presente e o passado.



Figura 2 - Brinquedo antigo x brinquedo atual. Fonte: <https://novaescola.org.br>. 2017

As atividades desenvolvidas podem evidenciar a importância do resgate de brincadeiras e brinquedos de outras épocas, fazendo um contraponto com as brincadeiras e brinquedos de hoje, haja vista o interesse demonstrado pelos alunos e as aprendizagens adquiridas por meio das diversas narrativas realizadas.

Quadro 12 - As dimensões- relação entre os brinquedos do passado.

As dimensões- relação entre os brinquedos do passado e os do presente.

Procedimento: o aluno poderá:

- Enumerar os brinquedos atuais.
- Identificar os brinquedos tradicionais,
- Reconhecer as fontes de informações sobre os brinquedos dos pais, avós, vizinhos e de pessoas idosas.
- Reconhecer informações sobre o brinquedo tradicional em fontes escritas.
- Participar na organização de projetos para obtenção de informações orais sobre os brinquedos tradicionais e elaborar roteiro de entrevistas.
- Recolher informações orais sobre brinquedos aplicando a entrevista e gravando-a em mídia.
- Expor oralmente ao grupo as informações recolhidas.
- Sistematizar as informações em base de dados como computar, ou fichas escritas.
- Redigir a conclusão integrando o brinquedo aos aspectos de vida cotidiano do passado e comparando os do passado com os do presente.
- Organizar exposições com imagens de brinquedos do passado e do presente.
- Preparar texto para o jornal da escola sobre o tema.

Fonte: <https://novaescola.org.br>. 2017

Pela brincadeira, a criança aprende a movimentar-se, a falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas. A brincadeira tem papel preponderante na

perspectiva de uma aprendizagem exploratória ao favorecer a conduta divergente, a busca de alternativas não usuais e integrando o pensamento intuitivo.

4.2.2 Para o 2º ano: As transformações na alimentação

Nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância que a criança tenha educação alimentar, que ela saiba da importância de consumir alimentos saudáveis e também que seja produzido na região. No passado a forma de preparação e consumo dos alimentos era bem diferentes das de hoje.

No passado a alimentação das pessoas era bastante simples. Os carboidratos utilizados eram basicamente complexos, ou seja, provinham de alimentos com alto teor de fibra e baixo índice glicêmico. A maioria das preparações eram assadas e preservavam a qualidade nutricional, o que proporcionava uma digestão bem lenta. Tudo isso evitava o acúmulo de energia e gordura, mantendo por mais tempo a saciedade. O açúcar consumido era o mascavo, pois o refinado tinha alto custo e era reservado para as visitas.



Figura 3 - Alimentos saudáveis. Fonte: <http://caloriaindesejada.blogspot.com/2014>

Foi na revolução industrial, que houve o aumento da produção de alimentos em conservantes e industrializados, nesse processo os alimentos perdem vários nutrientes, e surgiram nas prateleiras dos supermercados os enlatados e empacotados (BRASIL, 2018).

do conteúdo, permitindo assim uma melhor compreensão por parte dos alunos da mensagem que o professor deseja passar.

Um componente importante na história em quadrinho é que cada quadrinho tem que trazer em si uma densidade muito grande de informações, para que o leitor compreenda o que o autor da mesma está tentando passar como mensagem. Essas informações todas devem estar presentes na imagem e no texto formando um conjunto de harmonioso e não enfadonho (CIRNE,1977, p. 45).

Não existe regras para a História em quadrinhos, porem uma organização devida deve existir para que haja um bom envolvimento do seu uso no ensino, podendo dessa forma levar o aluno de forma mais rápida e prazerosa a aprendizagem.

As histórias em quadrinhos de super-heróis são uma forma de mídia que chama a atenção das crianças, portando, um recurso que pode ser explorado com grande aceitação em sala de aula, uma vez que é algo de interesse dos alunos (SCHMIDT, 2007). Segue exemplo da história da Independência do Brasil em quadrinhos como atividade divertida em que os alunos aprendem brincando.

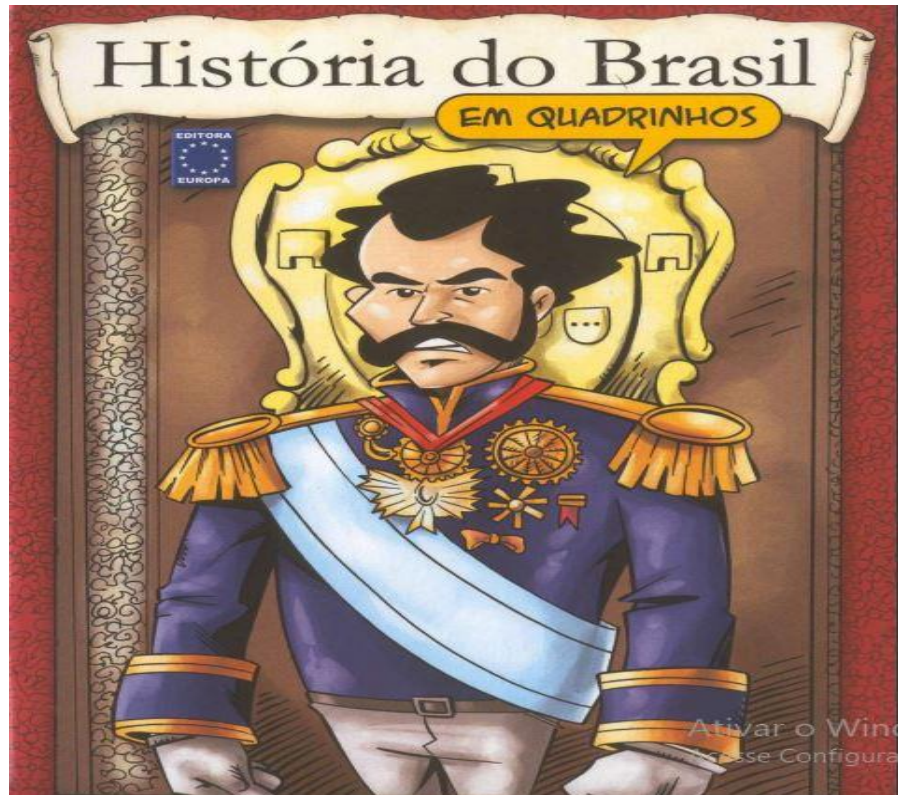


Figura 5 - A história do Brasil em quadrinhos. Fonte: <https://pt.slideshare.net>. (2014).

As HQs quando utilizadas nas aulas de História, trazem assuntos relacionados à civilização e fatores históricos, dos quais são bastante relevantes para o ambiente em sala de aula, quando desperta nos alunos a reflexão diversa, ao fazerem uso também das comparações. Temos inúmeros personagens que estão centralizados em tempos históricos desde a Pré-História até o tempo presente e futuro. Os estudantes querem ler os quadrinhos, pois eles possibilitam:

Quadro 14 - Objetivos da HQs.

Motivação para a leitura; Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; Ampliam a compreensão dos conteúdos; Alto nível de informação nos quadrinhos; Diferentes temas aplicáveis em qualquer área; As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos Linguagem gráfica às linguagens oral e escrita; Auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura; Enriquecem o vocabulário dos estudantes; Podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema
--

Fonte: <https://pt.slideshare.net>. (2014).

Segundo Ramos (2009) o potencial da História em quadrinhos atualmente e bem-vinda as escolas, pois, há até o estímulo governamental para que sejam adotadas, visto que como o ensino necessita ter significado para o estudante que precisa sentir-se como sujeito do processo histórico e, assim, desenvolver uma consciência histórica.

As histórias em quadrinhos de super-heróis são uma forma de mídia que chama a atenção do público jovem e, portando, um recurso que pode ser explorado com grande aceitação em sala de aula, uma vez que é algo de interesse dos alunos (SCHMIDT, 2007).

Para Santos (2012), as HQs, por si só, é icônica, adicionando elementos visuais junto aos verbais. A iconicidade nas HQs tem profunda importância, pois fazem a junção das imagens e textos, eleva o nível de compreensão, ao ampliar o sentido ao significado dos elementos que um texto literário poderia apenas fazer uma descrição.

4.2.4 Para o 4º ano : conteúdo temático com variedades metodológicas

Sugestões metodológicas para o tema “independência do Brasil” - Santos (2019) afirma que a “Independência do Brasil” é conteúdo programático obrigatório e

essencial dentro da grade curricular do Ensino Fundamental, visto que compreender a história passada é fundamental para entender os elementos históricos do presente e, sem dúvidas, muitas decisões políticas, econômicas e sociais tomadas naquela época têm influências nos dias atuais.

No entanto, ao ser ministrado não consegue passar a real importância deste conhecimento para o alunado brasileiro, que são frutos deste processo de emancipação da sua pátria por conta da forma tradicional das aulas de História. Apresentar metodologias variadas e lúdicas para o trabalho com esses conteúdos programáticos no Ensino Fundamental, visando a efetividade do processo ensino/aprendizagem.

Apresentam-se sugestões para se trabalhar o conteúdo programático com o tema Independência do Brasil, adaptadas de pesquisadas realizadas em sites educativos tais como Brasil escola, info-escola e portal do professor, envolvendo estímulos visuais, histórias em quadrinhos, dramatizações, roda de conversa e atividade de pesquisa bibliográfica, mosaico e brincadeiras.

Recurso Didático: A Ilustração - a maior parte das informações que absorvemos vem pelo sentido da visão. Enxergar o que se aprende tem efeito mais eficaz, sendo assim, os estímulos visuais são importantes na sala de aula para despertar o interesse e assimilação de conteúdo, tornando mais ativo o processo de ensino. Seguem alguns pontos a serem observados para se lidar com os estímulos visuais:

- Imagens coloridas retêm a atenção humana por mais de 2 segundos, enquanto imagens em preto e branco nos prendem por apenas dois terços de um segundo.
- Imagens facilitam a organização de ideias complexas.
- Imagens com pessoas, lugares e objetos (ao invés de linhas ou formas abstratas) se comunicam melhor com nossa mente.
- Imagens que apresentem informações já conhecidas ao lado de informações novas facilitam as conexões cerebrais dos alunos.
- As imagens devem ser claras: figuras desfocadas ou com pouca definição causam desagrado e afastam o estudante.

A Independência do Brasil foi o momento em que se iniciou a liberdade política do Brasil de Portugal. Grito do Ipiranga dado pelo príncipe regente Pedro em 07 de setembro de 1822, às margens do riacho Ipiranga, transformou o Brasil, uma colônia portuguesa nas Américas, em um país independente. Segue imagem ilustrativa:



Figura 6 - Gravura do grito da Independência. Fonte: <https://pt.slideshare.net>. (2014).

Segundo Bittencourt (2005), no ensino de história, as imagens que ilustram os livros didáticos de História têm tido um significativo crescimento desde a segunda metade do século XX. A ilustração pode ser exibida em slide, em cartaz ou outro meio, conforme a criatividade do professor, bem como, conforme as possibilidades práticas possíveis.

Mosaico da bandeira do Brasil - na sequência pode-se trabalhar o “Hino da Independência” com a leitura coletiva da letra e canto abrindo para um diálogo quanto a compreensão da mensagem do referido hino.

Formar duplas de os alunos para confecção do referido mosaico, utilizando bolinhas de papel crepom, de retalhos de EVA, ou outros materiais como tampinhas

de garrafa, sementes, entre outros com as cores da bandeira. Na sequência organiza-se uma exposição com os mosaicos dos alunos, na Semana da Pátria.

Atividade de dramatização - Segundo Coelho (2014) o teatro é uma possibilidade metodológica excelente aciona as sete inteligências e desenvolve as habilidades a elas relacionadas. Segue sugestão de uma pequena peça de teatro, para oportunizar aos alunos vivenciarem este momento histórico, mediante adaptações necessária, conforme faixa etária e série de estudo, bem como, os recursos materiais possíveis. Os cavalos poderão ser feitos de cabo de vassoura e a cabeça de garrafa pet. Seguem imagens dos cavalos:



Figura 7 - Cavalo de garrafa pet e cabo de vassoura. Fonte da imagem: Sítio: “Blog tia lê” (2011).

O figurino pode ser confeccionado de tecido TNT ou outro tipo. O cenário poderá ser adaptado aproveitando vasos de plantas, se houver na escola, árvores de papel e o que mais achar que pode compor. Os chapéus de D. Pedro e D. João poderão ser confeccionados de jornal.

As etapas de elaboração e concretização da peça compreendem: imprimir recorte e entregar as falas de cada aluno participante da peça para que treinem em

casa, efetuar o ensaio dos alunos, realizar a primeira apresentação para sala de aula, depois de propor ao grupo uma apresentação da peça para a escola, convidando os pais para assistirem também. Segue sugestão das falas para a peça:

Narrador - No ano de 1500, o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, que veio com várias caravelas. Quando chegaram aqui encontraram os nativos (índios), pessoas que já habitavam esta terra. Em 1808 D. João VI o Imperador e a família real mudam-se para o Brasil, para fugirem de Napoleão Bonaparte que tentava dominar Portugal.

D. João VI - Carlota Joaquina, peça para os súditos arrumarem nossas coisas, vamos para o Brasil com nossos filhos, pois Napoleão Bonaparte não pode nos pegar.

D. Carlota Joaquina- Tudo bem meu marido. Vamos todos para este novo mundo!

Narrador - Em 1821, D. João VI, volta para Portugal com sua família. D. João VI, entra pela sala e nervoso fala para D. Pedro I, príncipe regente:

D. João VI - Filho, eu e sua mãe D. Carlota Joaquina teremos que voltar para Portugal e você irá ficar aqui cuidando de nossa colônia, o Brasil. (A mãe está ao lado de D. João).

D. Pedro I - Mas pai, como poderei tomar conta do Brasil. Existem várias lutas pela independência.

D. João VI - O povo de Portugal não deseja que o Brasil deixe de ser colônia, pois aqui neste país tem muitas riquezas que vão para nosso país. E você terá que dar conta de controlar esta situação.

Narrador- Eles viajam para Portugal com sua família e D. Pedro príncipe regente fica tentando resolver os vários problemas no Brasil. D. Pedro I nervoso, conversa com José Bonifácio de Andrada, seu ministro:

D. Pedro - Meu amigo José Bonifácio, não estou concordando com as ordens de Portugal. Estou quase perdendo a paciência.

José Bonifácio - Eu acho que você devia ficar do lado do Brasil e lutar por nossa independência.

Narrador- O príncipe regente estava em viagem na província de São Paulo quando recebeu de um mensageiro, as mensagens dos portugueses. D. Pedro estava às margens do riacho Ipiranga, próximo à cidade de São Paulo. Após ler a mensagem, ergue a espada em cima de seu cavalo, e diz:

D. Pedro - “É tempo: independência ou morte! Estamos separados de Portugal!”.

Todos os alunos- Era dia 07 de setembro de 1822, comemorado até hoje como dia da independência do Brasil (Levantam os braços e dizem juntos) narrador não ler “Independência ou morte!”

Ressalta-se que nas aulas de história vivenciam-se os fatos históricos trabalhados nas aulas potencializando o aprendizado e a compreensão concreta.

Roda de conversa - Com o objetivo de sensibilizar os alunos para a aprendizagem, organiza-se uma roda de conversa, estabelecendo um diálogo a respeito do que eles sabem sobre a história do Brasil, em específico, sobre a sua independência.

O diálogo nesta roda figura como um espaço privilegiado, sendo fundamental a oportunidade de participação e valorização da fala de todos os alunos. Portanto, a aula se desenvolve a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, apontando para a ampliação de conhecimento, bem como, sobre a importância do conhecimento histórico. Seguem possíveis perguntas para a roda de conversa:

Será que o Brasil sempre foi como é hoje?

Quem sabe como era o Brasil antigamente?

Quem vivia aqui?

Será que existiam cidades?

O Brasil sempre teve este nome?

Quem sabe o que comemoramos dia 07 de setembro?

Por que em várias cidades acontecem os desfiles nas avenidas dia 07 de setembro?

Quem já assistiu a um desfile de 07 de setembro?

O que viu no desfile?

A maioria dos alunos não costumam buscar respostas para seus questionamentos sobre os conteúdos programáticos trabalhados, principalmente no que diz respeito à disciplina de História. Portanto, a atividade de pesquisa é uma estratégia metodológica eficaz para a construção do conhecimento.

Nesse sentido, é muito que o professor estimule à atividade de pesquisa quanto a qualquer tema trabalhado, a fim de contribuir na construção da aprendizagem. Este tipo de atividade, para a busca de informações por parte do alunado, requer a orientação e gerenciamento ativo do professor, disponibilizando ou apontando referências bibliográficas.

De modo geral, para a atividade de pesquisa o professor orienta quanto a como retirar as partes mais importantes do conteúdo pesquisado, como sintetizar as informações e como construir textos a partir do material pesquisado. Em grupos, por meio da pesquisa bibliográfica em livros e artigos disponibilizados na internet, apresentados mediante referências, respondam:

Independência do Brasil: a pátria além do hino e da bandeira - Quando foi criada a bandeira nacional e o que significam suas cores? O verde, por exemplo, foi selecionado por Dom Pedro I em referência às lutas libertárias empreendidas pelos portugueses na Europa.

A Família Real no Brasil – Qual a influência da monarquia portuguesa no processo de independência.

Viagem ao Brasil Império- apresentar a história dos dois museus que simbolizam esse período histórico e de onde vieram as inspirações arquitetônicas que marcam as cidades até hoje.

Luta da Independência do Brasil- quais as questões políticas e as relações entre diferentes acontecimentos relacionados à independência, tomando por base mapas e livros didáticos.

Novos olhares sobre a Independência do Brasil- Para estimular um olhar crítico sobre a história do Brasil, conferindo documentos e narrativas que desconstroem o senso comum:

a) Apontar a influência da participação popular no processo de emancipação do Brasil.

b) Quais mudanças a Independência do Brasil trouxe de imediato para o país?

De modo geral, para a atividade de pesquisa o professor orienta quanto a como retirar as partes mais importantes do conteúdo pesquisado, como sintetizar as informações e como construir textos a partir do material pesquisado.

Atividades lúdicas para aprender brincando - Tanto o jogo como a brincadeira leva a interação com o meio, a conhecer e a manifestar a criatividade, a

inteligência, a habilidade e a imaginação. A situação da brincadeira propicia à criança um melhor conhecimento de si própria, e o processo de socialização, devido às situações de vida que são vivenciadas com outras crianças (LOPES, 2019).

A utilização de uma brincadeira funciona como instrumento para a aprendizagem do aluno, representando, então uma maneira agradável de aprender, promovendo a integração com os colegas. Através do brincar, em uma aula de História, o aluno pode aumentar sua independência, estimulando, inclusive a valorização da cultura e história nacional. Sugere-se a seguir a brincadeira do telefone sem fio trabalhando o conteúdo “Independência do Brasil”. Segue sugestões de mensagens para a brincadeira:

- 1- O povo queria libertar o Brasil de Portugal.
- 2- D. Pedro I era príncipe regente de Portugal.
- 3- D. Pedro I estava ao lado do riacho do Ipiranga.
- 4- No Dia do Fico, D. Pedro disse que não voltaria para Portugal.
- 5- Mesmo com a Independência, os problemas do Brasil continuaram.

Outra brincadeira para passar informações sobre o referido tema é o passa anel. Como brincar: Preparar com antecedência algumas fichas com informações sobre a Independência do Brasil.

- Colocar em uma caixa com nome “caixa do conhecimento”.
- Organizar os alunos em círculo.
- Eleger por sorteio quem irá começar a brincadeira.
- Todos os alunos devem estar com as mãos juntas e não abrirão até que se identifique com quem está o anel.
- O aluno que passa o anel que ser pode ser uma pedrinha, bolinha, botão, entre outros, depois de passar em todas as mãos pergunta: Com quem está o anel?
- E todos, sem abrirem as mãos, devem tentar descobrir, inclusive aquele que estiver com o anel, para tentar confundir os companheiros. Quem descobrir será o próximo passador.
- Quem estiver com o anel pega uma ficha com uma informação sobre a Independência e lê para os colegas.

Segue algumas sugestões de informações para as fichas:

Quadro 15 - Independência do Brasil.

A Independência do Brasil aconteceu dia 7 de setembro de 1822.

Próximo ao riacho do Ipiranga, D. Pedro levantou a espada e gritou:
"Independência ou Morte!".

No mês de dezembro de 1822, D. Pedro foi declarado imperador do Brasil.

A independência marca o fim do domínio de Portugal sobre o Brasil.

D. Pedro Gritou "Independência ou morte", a beira do riacho do Ipiranga e libertou o Brasil do domínio de Portugal.

A Independência do Brasil é um dos fatos históricos mais importantes de nosso país.

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/2014>

O jogo continua até terminarem as fichas de informações. O professor deve intervir quando um aluno ler a informação, para acrescentar ou esclarecer o que achar necessário.

4.2.5 Para o 5º ano: Bingo histórico

Torna-se muito mais fácil e eficiente aprender por meio de jogos, isso é válido para todas as idades, o jogo em si possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo. Huizinga (2000) afirma que o jogo é uma eficiente estratégia pedagógica para contrapor à aula tradicional invertendo sua lógica monótona de assimilação passiva de conteúdos já prontos.

O jogo é uma eficiente estratégia pedagógica para contrapor à aula tradicional invertendo sua lógica monótona de assimilação passiva de conteúdos já prontos. Como tal, jogo é coisa séria e não uma mera brincadeira para divertir os alunos. Para além de seu caráter lúdico com regras e desafios onde um indivíduo (ou grupo) vence e outro perde, o jogo tem uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. Segundo Lopes (2011, p.36) os objetivos que podem ser atingidos através dos jogos são:

Quadro 16 - Objetivos do bingo histórico.

Aprimorar a coordenação motora; Desenvolver a organização espacial; Melhorar o controle segmentar; Aumentar a atenção e a concentração; Desenvolver antecipação e estratégia; Trabalhar a discriminação auditiva; Ampliar o raciocínio lógico; Desenvolver a criatividade; Perceber figura e fundo;

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/2014>

No que se refere ao aspecto cognitivo, segundo Macedo, Petty e Passos (2005), o jogo contribui para que a criança adquira conhecimento e desenvolva habilidades e competências e, no que se refere ao aspecto cognitivo, segundo os autores, o jogo contribui para que a criança adquira conhecimento e desenvolva habilidades e competências.

O jogo é um momento de interação social, de representação, de criatividade, motivação, espontaneidade e, por conseguinte, de prazer. Durante o jogo os alunos se envolvem, planejam, analisam, criam estratégias, são capazes de prever as ações de seus adversários.

Sugestão - Tema: personagens da História do Brasil- período Republicano (1889- 1930). 32 personagens- 40 cartelas.



Figura 8 - Bingo História. Fonte: <http://profisabelaguair.blogspot.com/2019>.

A proposta do “Bingo da História” é substituir os números, do bingo tradicional, por perguntas e respostas rápidas e objetivas. As perguntas e respostas são criadas pelos alunos, sob a supervisão do professor e de acordo com os critérios que ele estabelece para a elaboração desse questionário. Este tipo de jogo pode se presta a diversos conteúdos.

E notório que os jogos ajudam a criança a desenvolver suas potencialidades, porem e importante que o educador utilize um jogo, tenha definido objetivos a alcançar e saiba escolher o jogo adequado. Segundo Kishimoto (2011) o uso de jogos educativos com fins pedagógicos, nos leva para situações de ensino-aprendizagem visto que a criança aprende de forma prazerosa e participativa.

Por meio do jogo liberam-se tensões e emoções de todo tipo: alegria, entusiasmo, empatia, cooperação e, também, conflitos, hostilidades, tentativas de trapagens e até mesmo agressões, o que exige uma atenção pedagógica consciente e intencional do professor. Nesse aspecto, o jogo permite trabalhar competências sócias emocionais previstas na BNCC como o fortalecimento da autoconfiança e autoestima.

CONCLUSÃO

Verifica-se que a História tem uma relação ativa com o passado, qual impulsiona a compreensão crítica do presente, sendo assim, o estudo de História, ou seja do passado, é originário do tempo presente, portanto, nesse sentido, o passado impulsiona a dinâmica do ensino/aprendizagem em diálogo com o tempo atual, devendo produzir os sentidos e significados para os alunos.

A produção de sentidos e significados, que são constantemente reinterpretados por diferentes grupos sociais e suas demandas, conseqüentemente, suscita outras questões e discussões, visto que a História não emerge como um dado ou um acidente que tudo explica: ela é a correlação de forças e de enfrentamentos.

Portanto, é importante que o pedagogo nas suas aulas de História crie situações rotineiras de atitudes questionadoras diante dos acontecimentos e das ações dos sujeitos históricos, possibilitando que sejam interpretados e compreendidos, a partir das relações que estabelecem com outros sujeitos e outros acontecimentos, do seu próprio tempo e de outros tempos, do seu lugar ou de outros lugares.

O que defender, o que preservar, o que mudar e o que destruir são questões que apontam para a História como um saber necessário para a formação das crianças na escola nas séries iniciais para a formação da cidadania ativa. Portanto, o ensino de História nos anos iniciais necessita ser algo prazeroso para o aluno desta faixa etária, para uma condução que o leve a sentir-se parte da História, por meio da análise, da compreensão e da contextualização dos fatos históricos.

Nessa ótica, a pesquisadora conclui que metodologias variadas, diferenciadas e lúdicas, conforme as sugeridas neste trabalho de conclusão de curso, aplicadas à prática em sala de aula, como exposições e atividades com apelo visual atraentes, jogos e brincadeiras, tem o poder de atrair a atenção e curiosidade dos alunos, tornando assim o processo de ensino/aprendizagem de História mais significativo e realmente efetivo, bem como, prático e satisfatório para o professor pedagogo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Moderna-São Paulo, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BLOCH, Marc Benjamin. **Apologia a História, o ofício do historiador**. Prefácio Jacques Le Golf; apresentação a edição brasileira- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo: brasiliense.1993.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. 3º versão, versão, Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> (2017).

BRASIL, Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília- DF, MEC, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: do Ensino Fundamental**. Brasília; MEC/SEF, 1988.

CARLETO, Eliana Aparecida. **Atividades Lúdicas: rompendo o cerco da mesmice**. In: SILVA, Maria Vieira; CUNHA, Myrtes Dias da (Org.). Políticas e práticas docentes: alternativas em construção. Edufu, 2004, p.125- 140.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CIRNE, Moacy. **A exploração criativa dos quadrinhos**. Vozes, Petrolina-RJ, 1977.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A formação de professores para o ensino de História: impasses em perspectiva**. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.Usp.br/rfe/article/view/59619>. Acesso em mar.de 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões**. 1998. UFMG.

FEBVRE, Lucien. **Profissões de fé a partida. Combates pela História**. Lisboa: Editora presença Ltda.1989.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papirus, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Altas, 1996.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e Prática de Ensino de História**. São Paulo, 2012.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KLEIN, L.F. **Trajetória da Jesuítica no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://TrajetoriaEducJesuisticaBrasil.pdf> . Acesso em mar.de 2020.

LIBÂNEO, José Dias. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2019.

LOPES, Patrícia. **Significado da Brincadeira**. Brasil Escola. 2011. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/significado-brincadeira.htm>. Acesso em mar. de 2020.

LUKESE, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo, Cortex, 1994.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia S.; PASSOS, Norimar C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**: Porto Alegre, 2005.

MARX, K. & ENGELS, F. **Ensinar História**. Vol. 38. Londres, Ed. Lawrence, 2005.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

RAMOS, Márcia Elisa Teté **O ensino de história e a questão do multiculturalismo depois dos PCNs's**. In: CERRI, Luis Fernando **Ensino de História e Educação: Olhares em convergência**. 1 ed. Ponta Grossa, PR: Editora da UEPG, 2006, p. 93 - 112.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. Contexto, São Paulo, 2009.

RÜSEN, Jorn. **História viva: teoria da história – formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

SANFELICE, José Luís. **Da escola estatal burguesa a escola democrática e popular: considerações historiográficas**. In. Londrina, Cortex, 2016.

SANTOS, Francisca de Sousa. **O processo de independência do Brasil: Sugestões metodológicas de História para o Ensino Fundamental**. Faculdade de Itaituba – FAI. Itaituba- Pará. 2019.

SANTOS, Santa Marli Pires. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis. Vozes. 2012.

SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.) **A Escola Pública no Brasil: História e historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 89-105.

SCHMIDT, Maria A; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, João Carlos. **O Ensino de História no Contexto da Legislação Educacional Brasileira**. Minas Gerais, 2014.

SIQUEIRA, Fernanda Roque; QUERINO, Cristina Silva. **O Ensino de História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Metodologias e Práticas Pedagógicas**. Campina Grande, Realise, 2012.

VASCONCELOS, J.A; MOREIRA, M.S. **Didática e avaliação de aprendizagem no ensino de História**. Curitiba: Ibpex, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira M. Barreto e Solange Castro Afeche. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SITES PESQUISADOS

Sítio “atividades educativas”, apresenta atividades e jogos interativos sobre a Independência, pode ser fonte de pesquisa para o professor. Disponível em: <http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=6208> Acesso em: 13 de abril. 2020.

Sítio “ensinar aprender”, tem várias atividades em que o professor pode utilizar para desenvolver o tema. Disponível em: <http://www.ensinar-aprender.com.br/2010/08/independencia-do-brasil.html>. Acesso em: 12 de abril. 2020.

Sítio “Independência do Brasil Portal”, é um sítio do portal do MEC, Produções das Escolas, Sugestões de Aulas sobre o tema. Disponível em: <http://independenciado-brasilportal.wordpress.com/> Acesso em: 13 de março. 2020.

Sítio “Info Francisco Zilli”, é um blog com uma coletânea de atividades e jogos interativos sobre a Independência, onde o professor tem informações e os alunos

podem brincar e aprender. Disponível em: <http://www.smartkids.com.br/especiais/independencia-do-brasil.html> Acesso em: 13 de março, 2020.

<https://bncc.novaescola.org.br/?logged=false>. Acesso em março de 2020.

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/ensino-fundamental-de-nove-anos.htm>. Acesso em março de 2020.

<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/> Acesso em março de 2020.

<https://sae.digital/bncc-ensino-fundamental-anos-iniciais/>

<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Acesso em fev. de 2020.

<http://profisabelaguiar.blogspot.com/2019>. Acesso em 16 de março de 2020.

<http://caloriaindesejada.blogspot.com/2014>. Acesso em 19 de março de 2020.